

Oliver Sacks, o poeta laureado da Medicina, em seu caminho para compreender o humano

Esse ensaio sobre Oliver Sacks é uma tentativa de retomar uma obra vigorosa que se situa na interseção entre ciência e literatura. Ousado e inovador, segundo ele, “Ser gay na Inglaterra na década de 1950 era perigoso; praticar sexo gay poderia fazer com que uma pessoa fosse presa ou até mesmo, no caso do cientista da computação Alan Turing, castrada quimicamente.” (On the Move, 2015). No entanto, apesar de a obra do neurologista estar traduzida no Brasil e de haver uma peça e um filme adaptados a partir de uma de suas obras, talvez o cientista, morto em 2015, estivesse um pouco esquecido por aqui, se não no campo da neurologia ao menos no campo das humanidades.

AUTORA

Liana de Camargo Leão - Professora Titular de Literaturas de Língua Inglesa da Universidade Federal do Paraná e membro da Academia Paranaense de Letras. Mestre e Doutora em Letras.

Oliver Sacks nasceu em Londres, em 9 de julho de 1933, em uma família de médicos – sua mãe, Muriel Elsie Landau, foi uma das primeiras cirurgiãs na Inglaterra, seu pai, Samuel Sacks, um importante clínico geral, e seus dois irmãos mais velhos também médicos. As conversas à mesa de refeições da família eram quase sempre relatos de casos clínicos: “meus pais não eram apenas médicos, eles eram contadores de histórias médicas, especialmente a minha mãe” (Entrevista, 1989). Respirava-se medicina naquela casa.

O caminho tomado pelos pais e pelos dois dos três irmãos mais velhos apontava a medicina; outras experiências o levariam à neurologia. Uma delas ocorreu durante a Blitz de Londres, quando aos seis anos o caçula Oliver e um de seus irmãos, William, foram evacuados da capital e internados em um colégio, onde o diretor recorria a cruéis punições físicas. Quando terminou a guerra, William foi diagnosticado com esquizofrenia. Mais um trauma para Oliver, e mais uma razão para que estudasse medicina.

Aceito na Universidade de Oxford, pouco antes de sua partida, seu pai teve com ele uma conversa que o marcaria para sempre. Ao observar que o filho não tinha namorada, perguntou-lhe se preferia meninos. Ele admitiu que sim, embora acrescentando que não havia tido qualquer experiência e pedindo-lhe que não contasse nada à mãe. Oliver sabia que, apesar de sua mãe ser aberta e compreensiva, era inflexível quanto ao sexo, seguindo à risca a frase de Levítico: “Não te deitarás com um homem, como se fosse mulher: isso é abominação.” O pai, infelizmente, não conseguiu se conter e, no dia seguinte, quando a mãe desceu as escadas da casa, voltou-se para o filho com palavras que ficariam para sempre gravadas em sua memória: “Você é uma abominação”, “Eu queria que você nunca tivesse nascido.” Nunca mais mãe e filho tocariam no assunto.

Sacks levaria anos para superar essa rejeição e foi quase ao fim da vida, que escreveu em sua autobiografia:

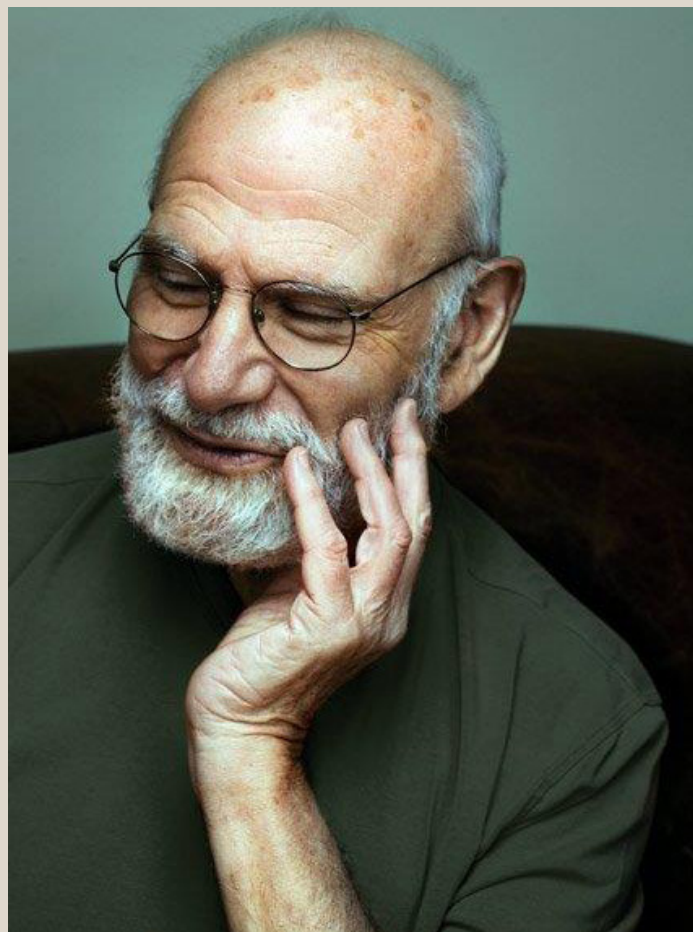
“Somos todos frutos da nossa educação, das nossas culturas, dos nossos tempos. E precisei de me lembrar, repetidamente, que a minha mãe nasceu na década de 1890 e teve uma educação ortodoxa e que em Inglaterra, na década de 1950, o comportamento homossexual era tratado não só como uma perversão, mas como uma ofensa criminal. (...) o sexo é uma daquelas áreas – tal como a religião e a política – onde pessoas de outra forma decentes e racionais podem ter sentimentos intensos e irracionais.” (On the Move, 2015).

Ao final do curso de medicina, em 1960, Sacks deixou a Inglaterra, partindo para os Estados Unidos, em parte por causa do irmão esquizofrênico – “Quando deixei a Inglaterra no meu vigésimo sétimo aniversário, foi, entre muitas outras razões, em parte para fugir do meu irmão trágico, sem esperança e mal administrado” – e certamente fugindo da condenação da mãe – “ela não queria ser cruel mas mesmo assim suas palavras me assombraram durante grande parte da minha vida e desempenharam um papel importante na inibição e injeção de culpa no que deveria ter sido uma expressão livre e alegre da sexualidade.”

Nos Estados Unidos, Sacks completou a residência médica e começou a trabalhar como neurologista. Os anos iniciais, entretanto, foram perigosos. Sem relacionamentos afetivos, Sacks flertou com a morte, dedicando-se a longos passeios de motocicleta até a exaustão e ao abuso de anfetaminas, uma combinação quase sempre fatal. E foi apenas depois da morte de vários amigos e de um ultimato de seu analista que, finalmente, em 1967, ele abandonou as anfetaminas.

Tempo de despertar: na clínica, na página, no palco e na tela

Um ano antes, em 1966, Sacks adentrou na fase que se tornaria, posteriormente, a mais notável de sua carreira. Tendo se mudado para Nova York, passou a trabalhar no Hospital Beth Abraham, com pacientes considerados irrecuperáveis. Vítimas da pandemia de encefalite letárgica que asso-



lou o mundo de 1916 a 1927, matando mais de um milhão e meio de pessoas, esses pacientes sobreviventes da “doença do sono” encontravam-se em um estado semicomatoso, como que “congelados” há quatro décadas:

“O primeiro contato [com os pacientes comatosos] foi incrível. Eu vi pessoas imóveis, como estátuas, muitas vezes congelados em posturas estranhas, catatônicos, numa espécie de transe. Mesmo em alas psiquiátricas eu nunca havia visto nada parecido. Aquelas pessoas haviam se tornado estátuas de pedra. E alguns, eu vim a saber, estavam no hospital há 30 ou 40 anos. A gente imagina o que se passaria dentro dessas pessoas, se é que de fato haveria alguma interioridade”. (Entrevista, 1989).

Sacks observou que, durante um espirro, ainda que apenas por trinta segundos, os pacientes saíam da rigidez catatônica e ele conseguia ver, por breves instantes, surgir vida e personalidade dentro de cada uma daquelas aparentes estátuas de pedra. Ao assistir uma apresentação sobre a levo dopa, uma nova droga sendo usada para doença de Parkinson, Sacks teve a ideia e a ousadia de experimentá-la em seus pacientes do Beth Abraham.

E o resultado foi absolutamente surpreendente: pacientes praticamente imóveis por anos começaram a “despertar”, a mover-se, a comunicar-se:

“Os efeitos foram inacreditáveis. Em uma semana, às vezes menos em alguns pacientes, eles voltaram à vida, eles acordaram. Suas expressões faciais congeladas desapareceram, sorrisos apareceram, os olhos começaram a ver o mundo de novo e brilhar e piscar, vozes animadas eram ouvidas, músculos antes não usados começaram a se mover, uma atmosfera festiva, um sentimento de júbilo surgiu naquele verão de 1969. Perguntei-me àquela altura se alguns daqueles pacientes não poderiam voltar à vida, voltar a ter uma vida normal e ser, por assim dizer, “curados”. (Entrevista, de 1989)

Entretanto, após esse período inicial de melhora notável, por volta de setembro daquele mesmo ano, os pacientes começaram a apresentar efeitos colaterais indesejáveis, como tiques e movimentos involuntários, alternando estados de frenesi e prostração, e complicações mais graves, com problemas comportamentais e emocionais intensos. Sacks freneticamente tentou ajustar as doses, sentindo-se culpado por ter despertado pacientes aos quais agora já não conseguia ajudar. Na maioria dos casos, o milagroso “despertar” teve que ser abandonada e os pacientes regressaram ao estado anterior de letargia.

Essa transformação milagrosa foi descrita em *Tempo de despertar* (1973), livro que Sacks escreveu em parte por ter sido encorajado por seus pacientes e familiares. De alguma forma, os relatos confeririam uma vida póstuma àqueles pacientes esquecidos.

Marco decisivo na trajetória de Sacks, o livro chamou a atenção do dramaturgo e Prêmio Nobel de Literatura Harold Pinter, que o contactou sobre a possibilidade de adaptar parte do material para o teatro. Sete anos depois, a peça *A Kind of Alaska* (1982, dirigida por Peter Hall e protagonizada por Judi Dench) conquistava Londres, com a história de Deborah, uma jovem de 16 anos que entra em um estado de letargia, despertando 29 anos depois:

HORNBY Você esteve dormindo. Agora acordou. Está me ouvindo? Está me compreendendo? (Ela o olha pela primeira vez)

DEBORAH Dormindo? (Pausa.)

Eu não me lembro disso. (Pausa.)

Teve gente olhando para mim. Estavam me tocando. Eu falei, mas não acho que eles tenham me ouvido. (Pausa.)

Que língua eu estou falando? Eu falo francês. Disso eu sei. Isto é francês? (Pausa.)

Eu ainda não vi Papai hoje. Ele é engraçado. Me faz rir. Corre comigo. E nós brincamos com bolas. (Pausa.) Onde é que ele está? (Pausa.)

Acho que daqui a pouco é meu aniversário. (Pausa.)

Não, não, não, não. Eu durmo como os outros. Nem mais nem menos. Por que haveria de dormir? Se durmo até tarde minha mãe me acorda. Tem coisas para eu fazer. (Pausa.)

Se eu estive dormindo, por que Mamãe não me acordou?

HORNBY Eu a acordei.

DEBORAH Mas eu não o conheço. (Pausa.)

Onde está todo mundo? Onde está meu cachorro? Onde estão minhas irmãs? Ontem à noite Estelle estava usando o meu vestido. Mas eu tinha deixado. (Pausa.)

Estou com frio.

HORNBY Quantos anos você tem?

DEBORAH Tenho doze anos. Não. Tenho dezesseis. Tenho sete. (Pausa.)

Eu não sei. É. Eu sei. Tenho catorze. Tenho quinze. Tenho lindos quinze anos. (trecho da peça de Pinter, *Um certo Alasca*)

Do retorno à consciência após um longo período de inatividade.

Pinter explora com maestria a desorientação do despertar de Deborah em sua tentativa de reconciliar sua mente jovem com seu corpo envelhecido. Recriando artisticamente o retorno à consciência após um longo período de inatividade, o dramaturgo aborda temas complexos como o tempo, a memória e a identidade.

Além de ser levado ao teatro, *Tempo de Despertar* se torna, em 1990, um filme de sucesso, crítico e comercial. Dirigido por Penny Marshall e estrelado por Robin Williams e Robert de Niro, recebe três indicações para o Oscar – melhor filme, melhor roteiro adaptado e melhor ator para De Niro – além de muitas outras premiações em diversas categorias.

Em suma, com a publicação do livro e as adaptações para o teatro e o cinema, o trabalho de Sacks passa a alcançar um público muito mais amplo, transformando o médico em um intelectual conhecido mundialmente.

Legado e Impacto

Após o sucesso de *Tempo de despertar*, seguiram-se muitas outras obras que, relatando com empatia e delicadeza as estranhas e desconcertantes realidades vividas por indivíduos com distúrbios neurológicos, demonstraram a importância de se integrar a ciência médica e narrativa humanística. Mesmo tendo afirmado não ter ambição literária – “Eu não tenho aspirações “literárias” de qualquer tipo, e se escrevo meus “relatos clínicos” é porque sou forçado a fazê-lo: eles não são um composto gratuito e arbitrário de duas formas [literatura e medicina], mais uma forma elementar indispensável para a compreensão, a prática e comunicação da ciência médica. (Oliver Sacks, 1986) – Sacks inspirou tanto cientistas quanto literatos.

Demonstrou que, para compreender os distúrbios neurológicos é essencial ouvir os pacientes e compreendê-los não como uma coleção de sintomas, mas como indivíduos únicos, seres humanos completos, com histórias de vida e experiências únicas, e com potenciais diferentes. Em outras palavras, entender a condição de um paciente é mais do que realizar um diagnóstico clínico; requer empatia, requer acolhê-los e ouvi-los e detectar e nutrir habilidades ignoradas por outros médicos.

Ao revelar o potencial oculto de cada paciente e de cada condição neurológica, por mais debilitante que a princípio parecesse ser, os relatos de Sacks demonstram que a diversidade neurológica enriquece nossa compreensão da experiência humana como um todo.

Em uma entrevista para a televisão em 1989, Sacks confessa:

“Eu sou viciado em meus pacientes. Não consigo viver sem eles. Preciso interagir com essas outras vidas, que se tornam parte da minha vida. Apenas ter empatia não é o suficiente para mim. Eu gostaria mesmo é de estar na pele deles, sentir como é ser como eles”.

Seu esforço, ao longo da vida, para entender e imaginar e sentir as experiências dos outros é bem ilustrado com a seguinte frase: “Toda a minha vida, tentei imaginar o que é ser outro ser humano”. A frase encapsula a essência do trabalho do neurologista em sua busca maior por compreender não apenas os sintomas e as doenças, mas a condição humana em suas ambiguidades, contradições e idiossincrasias. Transcendendo as fronteiras entre disciplinas, ele se tornou um autor estudado não só nas salas de medicina e neurologia mas também nos cursos de literatura e humanidades. Seus relatos vão além da documentação de sintomas e da prescrição de tratamentos (infelizmente, nem sempre possíveis); constituem-se em verdadeiros inquéritos filosóficos sobre a natureza da identidade, a fragilidade da memória, a percepção, a realidade, a identidade e os complexos mecanismos do cérebro humano. Sacks nos mostrou que se não é possível curar, é possível acolher: se não é possível prescrever, é possível tentar compreender, e compreender enceta aprender a ver, a ouvir e a sentir o mundo através dos olhos, dos ouvidos e dos sentidos dos outros. São essas as conexões profundas e essenciais que podem ser forjadas entre a medicina e a narrativa.